

“Fogaça com Palavras”

Curiosidades sobre a Festa das Fogaceiras

Apresentação de César Lamoso

a) Quem foi S. Sebastião

Nasceu em Narbona, na Gália em 256. Viveu em Milão onde terá recebido uma esmerada educação.



Mudou-se mais tarde para Roma, tendo ingressado no exército no ano de 283 apesar de “ ser por natureza, avesso à vida militar”.

Foi centurião romano e comandante favorito de Diocleciano e Maximiliano, entre os anos de 286 e 305 (?), em cuja guarda se

alistou com o objectivo de, secretamente, converter os pagãos e encorajar a fé dos cristãos presos e perseguidos, cujos despojos recolhia quando eram martirizados.

Tendo sido denunciado como traidor, o imperador ordenou a sua prisão e amarrado num poste onde foi crivado de flechas até parecer um “ ouriço”, tendo sido abandonado, aparentemente morto. Foi recolhido e após recuperar das feridas voltou a desafiar o imperador que ordenou nova tortura: levado para o hipódromo e aí espancado até à morte. Aparecem datas diferentes para o ano da morte, de 288 a 305. A partir do séc. VII passou a ser venerado como protector contra a peste.

b) A Festa das Fogaceiras

- Início

A tradição faz remontar o início desta festividade a 1505. Porém nem todos os investigadores que se dedicaram a esta matéria estão de acordo quanto à data da terrível doença que motivou a promessa.

O Confrade Serafim Guimarães na palestra que proferiu no nosso XIII capítulo refere a determinado passo “... Confesso que fiz uma consulta relativamente extensa a livros e

monografias portuguesas...com total insucesso. Não encontrei nenhum indício que permitisse ligar 1505 a qualquer episódio epidémico de peste que pudesse ter atormentado Santa Maria da Feira.”

Mas ninguém apresentou provas concludentes de que a tradição estava errada.

Num ponto parecem convergir: foi a presença avassaladora e terrífica da peste que suscitou o voto – voto que deve ser compreendido no âmbito da devoção popular a S. Sebastião.

Atribuir a ideia da realização da promessa ao Conde da Feira ou ao senhor da Terra, quem quer que fosse é perfeitamente verosímil visto que era ele a autoridade de referência e era dele que o povo aflito, em primeiro lugar, esperava receber ajuda e conforto.

Se a tradição vingou foi porque, por um lado, o povo a fez sua e, por outro, a administração concelhia a assumira. Se assim não fosse, a festividade e a procissão dificilmente teriam continuado após o desaparecimento de quem teve a ideia.

Ainda sobre o início da festividade, vários autores e a própria edilidade responsável pela festa, nos seus folhetos informativos, parecem ter criado a “ tradição”: 1505,



mas no texto do Foral atribuído à Terra de Santa Maria, nove anos depois, não aparece qualquer referência àquela festividade.

Outros autores defendem a data de 1505, como resultado de um voto feito pelo 2º Conde da Feira, afirmação que merece muitas dúvidas pois D. Diogo Pereira só ficaria de posse desse título em 1515.

Todavia a tradição que perdura é que foram os Condes da Feira e que no dia em que se fez a festa cessou a peste.

- Período 1700-1758

Em 1700, por morte do último Conde da Feira, sem deixar descendentes, a Festa das Fogaceiras passou a ser promovida pelos senhores mais abastados da região, com o apoio popular até 1749. Entretanto o entusiasmo começou a esmorecer e de 1750 a 1753 não houve festa.

Porém, tendo surgido novo surto de peste, o que foi entendido como um castigo, o povo ter-se-á deslocado ao município a reclamar o cumprimento do voto secular.

O município solicitou, então, autorização ao Infante D. Pedro para promover e custear a festa, pedido que foi deferido, tendo sido publicado em 30 de Julho de 1753 o alvará que determinava que o encargo com a realização das Fogaceiras fosse, dali em diante, assumido pela Câmara a quem era concedido uma verba anual de 30.000 reis.

Nas Memórias Paroquiais de 1758, vem referido que a presença de donzelas transportando as fogaças faziam parte do ritual, mas nem sempre a encenação se terá processado da mesma forma.

Naquele ano, eram escolhidas cinco meninas para transportar o pão enriquecido, mas as três fogaças rituais do cortejo não eram exactamente iguais. Uma era confeccionada com um alqueire de trigo, outra transportada num tabuleiro com 5 velas de meia quarta que ainda não tinham sido utilizadas e a terceira representava um castelo (talvez o da Feira) ornada de muitas bandeiras.

As entidades a quem eram oferecidas eram: Câmara Municipal, Convento dos Lóios e a terceira era repartida pelos moradores da Vila, no início talvez gratuitamente mas depois a troco de dinheiro

- 1814 (episódio relatado pelo Dr. Aguiar Cardoso)

Segundo a praxe, na véspera da festa, os vereadores reuniam para designar as pessoas de maior ou menor representação que iriam ocupar os lugares de destaque na solenidade do culto: a missa cantada e a procissão.

Assim, eram nomeadas 8 pessoas qualificadas para as varas do pátio, dois indivíduos de não menor representação para empunharem as tochas à missa cantada, os quatro escrivães da câmara para as lanternas que ladeavam o pátio e seis oficiais de ordenanças ou milicianos, da graduação de tenente e alferes para conduzirem o andor do santo mártir em homenagem, certamente, à sua qualidade militar de capitão da guarda do imperador Diocleciano. Afora outras nomeações para outros cargos.

Nesse ano foram designados em acta de conferência ou sessão da câmara:

O Alferes, filho de João O. Fonseca de Paçô

O Alferes, filho do Regal (!?)

O Alferes Beira

O Alferes de Silvalde

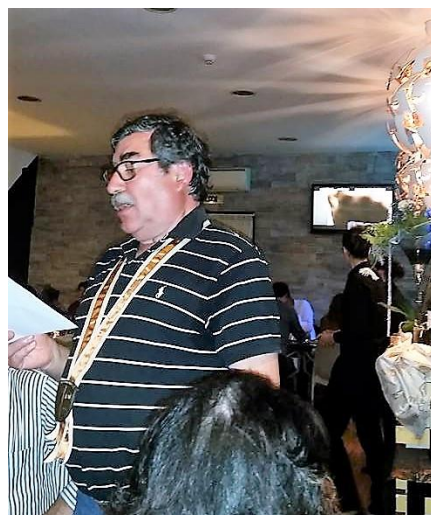
O tenente de Escapães

O Alferes, Manuel José da Silva de Gião

e a acta termina: " E mandão que se passem os boletos a todos os nomeados na forma do estilo."

No dia da procissão, o Tenente de Escapães faltou o que causou enorme escândalo, e originou que na conferência do dia 22 tenha sido condenado ao pagamento de 6.000 reis, ficando a execução suspensa para ouvir a sua versão, o que veio a verificar-se no dia 26.

Nesta conferência, o tenente tentou justificar a sua não comparência com facto de não ter recebido a convocatória, assegurando ainda que nesse dia tinha estado na Vila. Estes argumentos não foram aceites e a condenação passou a efectiva com o



pagamento de 6.000 reis acrescido das custas. É de salientar que aquela importância era bastante elevada para a época pois, a título de exemplo, o sermão custava 4.800 reis.

Não posso deixar de ler uma passagem desta notícia, que considero bastante curiosa: “...ao que parece, como se vai ver, quem sabe se algum tonante conquistador e enamorado, porventura comprometido para alguma entrevista de amor, à mesma hora da solene procissão.”

- 1910-1939

Em 1910, com a implantação da República e a separação entre a Igreja e o Estado, verificaram-se alterações de vulto na organização da festividade, nomeadamente a passagem para as autoridades civis “ a título individual” e para a Santa Casa da Misericórdia da responsabilidade pela manutenção da festa e introduzindo-se uma novidade: Antes da missa solene, formação de um cortejo cívico a partir dos Paços do Concelho em direcção à Igreja matriz, onde se incorporavam as fogaceiras, autoridades políticas, administrativas, judiciais, militares e ainda personalidades de relevo na vida municipal, cortejo este que seria recebido à porta da igreja pelo pároco residente.

Por deliberação da comissão administrativa de 7 de Dezembro desse ano, foi estabelecido o dia 20 de Janeiro como feriado municipal

Do programa das Festas de 1911 para além da parte religiosa acima referida, teve lugar, à noite no Teatro D. Fernando II uma récita na qual tomaram parte o grupo dramático da Vila e uma actriz portuense de renome. Refira-se também que a Companhia do Vale do Vouga estabeleceu comboios extraordinários com partidas de Espinho e O. de Azeméis.

Neste período, as dificuldades económicas começaram a sentir-se, principalmente a partir da Grande Guerra, o que levou à perda da importância entretanto adquirida.

- 1940 até hoje

Em 15 de Junho de 1939, a Câmara Municipal, presidida pelo Dr. Roberto Vaz Oliveira decidiu voltar a assumir a responsabilidade pela realização da secular tradição e que se mantém até hoje como atribuição da autarquia.

Para as Fogaceiras de 1940 foram chamados a representar-se todas as freguesias com igual número de fogaceiras, com seus párocos, suas cruces paroquiais e estandartes, vigários das varas e as autoridades civis acompanhadas pelos tradicionais cabos (c/espingardas e ramos de mimosa nos canos).

Passou a ser a festa do povo da Feira, não só o da Vila mas o de todo o concelho

Em 19 de Janeiro de 1954, é oficializado o dia 20 de Janeiro como feriado municipal – decreto 39513 (assinado por Craveiro Lopes, O. Salazar e Trigo Negreiros), que no seu artº 2º estabelece:

“ Nos anos em que, por qualquer circunstância, deixem de ter lugar as festividades que justificam a autorização, o dia não será considerado feriado, competindo à Câmara anunciar tal facto com a antecedência mínima de 30 dias, por meio de edital afixado nos lugares do estilo e publicados em jornais da sede do concelho ou, no caso de não existirem, da sede do distrito”.

Ou seja, se não há festa não há feriado!

As fogaças da Vila da Feira nunca foram obrigatórias nem consideradas foros.

Na década de 30, era a Câmara que mandava fazer um certo número delas e depois da



procissão, os membros do município partiam as fogaças em fatias, autenticavam-nas com o selo da Câmara e enviavam as fogaceiras pela vila e por todas as freguesias, distribuir às pessoas mais importantes essas fatias de pão bento, que já levavam o nome do destinatário. Eram também

contemplados os pobres da vila e os reclusos da cadeia. `

À gentileza das fogaceiras correspondiam sempre os contemplados com uma oferta mais ou menos avantajada. Ir de fogaceira era honra e... proveito.

Actualmente, as fogaças do voto são entregues às autoridades religiosas, políticas e militares com jurisdição sobre o Município.

c) Fado das Fogaceiras

Em 1942 foi composto o Fado das Fogaceiras, com letra do poeta Carlos Morais (Serzedo-Gaia; 1887-1975) e música do Dr. Paulo Sá (Lavandeira-V. Feira; 1891-1952)

O Fado das Fogaceiras passou a ser obrigatório no programa de variedades que encerra as Festas

d) A Festa das Fogaceiras e o Teatro

Nas múltiplas pesquisas efectuadas ao jornal Correio da Feira, podemos constatar que, desde 1898 e até à actualidade, o dia 20 de Janeiro acabava com um espectáculo de teatro que teve lugar primeiro no Teatro D. Fernando II, depois no primitivo quartel dos Bombeiros, a seguir na Casa do Povo da Feira e por fim no Cine Teatro António Lamoso.

Do levantamento efectuado, apenas em 17 dos 117 anos em análise não foi possível obter confirmação da sua realização, a maior parte das vezes por inexistência de informação.

Relativamente aos grupos cénicos, para além de vários grupos feirenses- amadores feirenses, Tuna Orfeão Feirense, Amadores Teatro da Feira e Orfeão da Feira- também

nos visitaram, entre outros, Companhias Dramáticas Portuenses, Grupo “Como Elas Cantam e Dançam Paços Brandão”, Sargentos Infantaria 18, C. Cultura Oliva, C. Teatro Milheirós Poiares, Grupo de Fiães, etc.

e) A Festa das Fogaceiras e o desporto (futebol)

Da pesquisa realizada, verificamos que pelo menos nos anos de 1938, 1945, 1960, 1982 e 1983 tiveram lugar no dia das Fogaceiras jogos de futebol entre equipas do concelho – Sud(?) de Paços de Brandão, Feirense, Riomeão, S. João de Ver tendo como adversário equipas do Futebol Clube do Porto, sendo que alguns desses encontros faziam parte do programa das festas.

f) A Festa das Fogaceiras e a Confraria da Fogaça

Como todos sabemos a Confraria da Fogaça foi constituída em 15 de Abril de 2002.

A partir de 2003 a entronização de novos confrades passou a ter lugar em Távolas Redondas que se realizavam sempre no dia 13 de Janeiro independentemente do dia de semana. Desde 2008 a cerimónia de entronização passou a designar-se por Capítulo e a ter lugar em sábado anterior ao dia 20 Janeiro.

As Távolas Redondas/Capítulos sempre fizeram parte do programa da Festa das Fogaceiras.

É evidente que há mais curiosidades ligadas à Festa das Fogaceiras mas não quis tornar-me maçador.

Porém, e como estamos numa reunião focaciana, não posso deixar de me referir a uma situação com que muitas vezes os nossos confrades, quando se deslocam a outros capítulos, se vêm confrontados com a afirmação feita por confrades de outras Confrarias, que o nome “fogaça” se deve a uma senhora de Leiria, conhecida por Maria Fogaça, com o argumento de que, em 1181, a região do Pombal foi acometida por uma praga de gafanhotos, milagrosamente desaparecida por intercessão da Senhora do Cardal, e, no ano seguinte, uma senhora de alcunha Fogaça e outros moradores mandaram fazer enorme pão para entregar aos pobres como recordação do milagre, cerimonial que ainda persiste.

Esta afirmação não é verdadeira pois o nome fogaça é anterior à monarquia.

Não quero terminar sem fazer referência às obras, pessoas e entidades que permitiram a elaboração deste desprezioso trabalho de recolha:

Anthero Monteiro: “ A Festa das Fogaceiras e o feriado municipal de Santa Maria da Feira.”

António Lamoso R. Castro: “ Factos e personalidades da Feira e do concelho 1917 a 1950”

Confreira Alcides Campos Brandão- programas do teatro

F. Ribeiro da Silva: Prefácio livro de Anthero Monteiro “ A Festa Fogaceira e o feriado municipal de Santa Maria da Feira”

Jornal “ Correio da Feira”

Serafim C. P. Guimarães: “ As Fogaceiras e a Peste”

Palestra proferida a 5 de Maio de 2016 no restaurante Tábua Rasa.